

TRIBUNA Livre

18
JUNHO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Andou esta pequena história enredada, ensarilhada, tal qual os acontecimentos que a inspiraram, não sem que por vezes se rompessem os horizontes e claramente se descortinassem os grandes alcances a que conduziu a vida revolta, agitada da Espanha, extremo ocidental, palma da mão da Europa a estender-se a novos mundos e novos continentes.

Todo o peso e influência das antigas civilizações vieram condensar-se nesta fímbria da Terra Atlante, a poder de agentes condutores que foram os da massa humana, gentes de vária espécie e origem que vieram confundir-se, misturar-se nesta amálgama de sangue, suor e cinzas que caíram e sucessivamente se levantaram da mesma Terra, numa renovação e constante ressurgimento de maiores energias, de mais altos e adeantados valores.

Longos séculos de canseiras, de lutas, de guerras consecutivas e desesperadas assim o

determinaram. A humanidade está condenada a todas estas pesadas condições de trabalho e sofrimento para conquistar, individual ou colectivamente, o viver com honra e finalmente a imortalidade.

Nem mais nem menos que estes princípios, os encarnou a *Inclita Geração* posta a presidir, num momento altíssimo da História, aos destinos da Lusa Raça.

Não é preciso meditar muito na vida e obra de cada um dos egrégios infantes, para concluir qual deles tomou sobre seus ombros a mais pesada cruz.

A que coube ao glorioso Infante Navegador excedia os foros das possibilidades humanas, não obstante, levá-la ao mais alto cume das suas ardentes e sonhadoras aspirações, fosse a única paixão obsorvente de toda a sua vida.

Opunham-se-lhe as contingências de uma pequena Nação de tão pouco libertada da opressão sarracena e das recentes intenções de deliberada má

vizinhança. O bom senso, como a mentalidade da época, ainda arreigada a velhos preconceitos, não aconselhavam tão assombroso empreendimento, quando já em meio dele um velho de *aspeito venerando*, entre o mais, *estas sentenças* assim dizia:

— Oh glória de mandar!

A que novos desastres determinas

De levar estes reinos, e esta gente?

Que perigos, que mortes lhe destinas,

Debaixo d'algum nome preeminente?

Que promessas de reinos e de minas

D'ouro, que lhe farás tão facilmente?

Que famas lhe prometerás? que histórias?

Que triunfos? que palmas? que victórias?

Continua na 2.ª página

Monsenhor

António de Araújo Costa

Acaba de ser nomeado para esta alta dignidade o senhor Padre António de Araújo Costa, Arcipreste de Guimarães director do Jornal «Conquistador».

Congratulamo-nos sinceramente com esta nomeação, prémio justo para as nobres qualidades do escolhido, a quem felicitamos vivamente.

Continua na 5.ª página

A HOMENAGEM AO NOVO ARCIPRESTE

Promovida pelos organismos da Acção Católica, realizou-se, na passada segunda feira, uma homenagem ao senhor Padre Albino José Fernandes Alves, chamado ao exercício das funções de Arcipreste, durante a qual lhe foram ofertadas as insígnias arcepretais.

Compareceram aos actos os srs. Presidente, Vice-presidente da Câmara e todos os vereadores, Presidente da Câmara de Braga, Arcipreste da

Povoa de Lanhoso e de Vieira do Minho e uma deputação do clero daqueles dois concelhos, clero do Arciprestado, Mesa da Santa Casa da Misericórdia, Direcções da Associação dos B. Voluntários, do F. C. de Amares, da Sopa dos pobres, da Casa do Povo, da Caixa de Crédito Agrícola, Comandante da Legião Portuguesa, organismos da Acção Católica e Associa-

(Continua na 5.ª página)

VALE A PENA, ACREDITEM!

Da «Voz» transcrevemos o seguinte:

Há coisa de uns quatro anos, debateram-se no Centro de Estudos Político Sociais problemas concernentes á administração local. As conferências e intervenções ali apresentadas, foram depois coligadas num grosso volume de quase setecentas páginas, obra já agora imprescindível para quantos, entre nós, queiram conscienciosamente debruçar-se sobre os problemas das autarquias, sua vida e seu calvário. Um dos aspectos, então vivamente debatido, tratava da imperiosa necessidade de valorizar a vida local e regional, não só pela via do pensamento, mas ainda criando melhores condições de vida, por essa provincia fora. O Dr. Clemente Rogeiro foi relator das conclusões do referido ciclo de estudos. Nessas conclusões se escreve, com base em determinados trabalhos discutidos: «Como células vivas do corpo da Nação, impõe-se combater tudo aquilo que possa tender ao enfraque-

cimento das nossas autarquias, designadamente através de uma planificação com base regional». Logo a seguir: E, se foram a concentração da indústria e a procura de lugares mais bem remunerados ou de uma vida mais confortável e atraente que arrastaram as populações para os grandes centros há que promover a desconcentração industrial, realizar maior descentralização dos serviços públicos, dotar as localidades com um mínimo de atractivos e de conforto valorizar, o mais possível, a posição política dos municípios».

De então para cá, os municípios tem continuado a suportar uma longa, dolorosa, angustiante cruz. Pouco se fez para os ajudar, e muito se tem feito para os afundar na inacção, na falta de iniciativa e na carência de recursos! Por este andar um dia virá—se já não estamos a vivê-lo!—em que as Camaras Municipais serão assim como uma repartição de

Continua na 4.ª página

A cerimónia da nova rua «MARQUES REGO»

Toda a Câmara, todas as direcções dos organismos locais, clero, juntas de freguesia e muito povo juntaram-se ao meio da tarde de segunda feira na parte nascente da Rua D. Oliveira Salazar para assistirem ao descerrar da lápide que dá o nome do insigne baerrista sr. Augusto Marques Rego, a uma artéria.

Findos os acordes musicais da Banda presente, o sr. dr. Eduardo Gonçalves esforçado presidente do Município pronunciou o seguinte discurso:

Há 20 anos que faleceu nesta localidade «Augusto Justiniano Marques Rego» cuja vida é um modelo de civismo.

Isto no que respeita à sua acção na existência deste concelho, porque ele foi, pelas suas necessidades e aspirações, um acérrimo e incansável defensor com uma abnegação modelar. É a ele a quem devemos mui-

tas das regalias que hoje usufruimos e pelas conservação e dilatação dos quais estamos em luta constante. Foi o percussor da electrificação do concelho, opondo-se sistematicamente ao sistema condenado noutras partes do país a termo-eléctrica. Deve-se-lhe a exploração das águas que destinava a este meio e à sede de então, e que por um infeliz acto administrativo nos deve esta finalidade. Não teríamos o mercado aqui se não fosse a sua persistente acção junto dos poderes centrais de quem obteve o incondicional apoio, tal era a justiça que neste nobre gesto dos seus nobilíssimos sentimentos foi reconhecida

Pôs em curso a ideia, hoje realidade, para apasiguamento dos habitantes das duas povoações, da sua unificação sob a denominação «sede». Faço referência apenas a alguns dos

Continua na 4.ª página

O III circuito de Santo António foi um êxito absoluto

Desde há anos que a prova ciclista incluída nas Festas de Santo António é um êxito crescente. Este ano superou tudo que se tinha feito.

Concorrem muitas dezenas de corredores representando os principais clubes que da região de entre Douro e Minho se dedicam à modalidade. O percurso era longo, superando os 90 quilómetros, mas os corredores desde o primeiro minuto lançaram-se em veloz corrida, o que levou ao descongestionamento.

No ultimo terço a luta desenrolou-se entre o vencedor, que se isolou e um trio de perseguidores. Atendendo a que dois destes eram da mesma equipa o fugitivo viu-se defendido e conseguiu manter a distância. Entre equipas a Gilica e a Modelar foram as que mais se salientaram batendo aqupas da força do F. C. do Porto e o Gião. Venceu a primeira que é de momento a que possui mais numeroso e importante lote de corredores.

Interessante, todavia, a classificação dos locais que souberam conseguir uma classificação que os honra e que lhes troxe a posse de duas magnificas taças. Foram tam-

TRIBUNA FEMININA

Vestida como uma estrela do cinema

O primeiro salão de «vestidos do cinema» em Munique — A moda ao serviço da beneficência

por Petra Peters

Vestir-se e ser admirada como uma das belezas do cinema! Devem ser bem numerosas as senhoras de todas as idades que já tiveram este sonho.

Felizmente não é o primeiro nem o último sonho do «sexo fraco» que os homens conseguiram realizar. A ideia de oferecer às fãs os vestidos dos seus ídolos não constitui novidade no mundo. Pois há alguns anos salões americanos e franceses dedicam-se com êxito à venda das toilettes das actrizes de maior relevo. Graças a um muniquense muito activo, este ramo comercial iniciou as suas actividades na capital bávara.

Alfons Roentgen trabalhou em bares, foi secretário de um hotel, aprendeu contabilidades e, finalmente, fez uma aprendizagem no ramo dos tecidos. Como gerente de uma importante casa de móveis que figura na lista dos fornecedores dos ateliers de várias companhias cinematográficas teve a oportunidade de observar as despesas elevadas que os produtores cinematográficos têm de encarar para vestir as estrelas. Roentgen não hesitou. Com Margot Jordai alugou duas grandes salas em Schwabing, o bairro artístico de Munique. Servindo-se dos conselhos de Danielle Dor quanto à instalação e à propagação, Roentgen empenhou-se na aquisição de vestuário de actrizes de renome.

No salão de Munique qualquer senhora pode comprar modelos de Emílio Schuberth, o costureiro alemão estabele-

cido na Itália, do berlinense Heinz Oestergaard ou herdeiro de Dior, Ives Saint-Laurent por apenas 250 marcos (60 dólares) em vez de pagar o preço original de cerca de 1.500 marcos. Os vestidos são usados, aliás, apenas uma ou duas vezes em filmes, por ocasião de estreias ou em recepções da imprensa. Actualmente a colecção de Munique já abrange um grande número de vestidos. No atelier instalado com luxo e bom gosto, no qual não faltam pequenos bares, apresenta-se tudo o que se possa imaginar ou desejar: vestidos de grande toilette, para cocktails, manteau, estolas, tailleurs e até mesmo todos os adereços tais como calçado, chapéus e até mesmo guarda-chuvas. Todos os modelos, à excepção de alguns nos quais se guarda o anonimato das actrizes, levam uma assinatura da primeira proprietária. De vez em quando estas insistem em entregar pessoalmente o vestido a sua sucessora. Quando as medidas divergem, procede-se a certas alterações encarregando-se o atelier dessa adaptação que não afecta o modelo.

Artistas estrangeiras contribuem para este atelier que é de certa maneira uma iniciativa de beneficência pois uma parte do produto de venda destina-se a um fundo de auxílio a artistas ou também a pessoas que se dirigiram a artistas solicitando a sua ajuda. Ao que parece, a ideia faz escola, pois já se fala na abertura de filiais na Áustria, na Suíça e na Suécia.

Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

*Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás
guerras sobejas?*

*Não segue ele do Arábio
a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só
pelejas?*

*Não tens cidades mil, terra
infinita,
Se terras e riquezas mais
desejas?*

*Não é ele por armas es-
forçado,
Se queres por victórias ser
lowado?*

*Deixas criar às portas o
inimigo*

*Por ires buscar outro de
tão longe,
Por quem se desporõe o
reino antigo,*

*Se enfraqueça e se vã dei-
tando a longe!*

*Buscas o incerto e incóg-
nito perigo,
Porque a fama te exalte e
te lisonge,*

*Chamando-te senhor, com
larga cópia,
Da India, Persia, Arabia
e da Etiópia?*

Lusíadas—Canto IV

Não se enganara de todo o velho honrado, pois que a seu tempo assim o demonstraram a experiência e a história, quando a Dinastia e com ela a forte Raça, o que foi tanto pior, mais uma vez vacilaram de exaustação, para difficilmente se retemperarem do exagerado estêpêndio pago à glória de mandar.

Mas a Espanha estava pejada; Aljubarrota foi o ponto nevrálgico dos últimos rumores e ouviu-os o monte Artabro (Finisterra) e Guadiana atrás tornou as ondas de medroso; o Segredo do Mar, tinha chegado a hora de romper-se; tinham de aparecer à luz novos mundos e nunca estes mistérios da Natureza se verificaram que não se lhe pagasse pesado tributo de sofrimentos proporcionais aos do prazer e da glória da fecundidade.

Não são para aqui chamados os episódios autênticos da História Frágico — Marítima nem os dos trabalhos e riscos que os procederam nesse calvário de glória da Lusá Gente; mas a humanidade de todos os tempos poderá hoje e sempre agradecer ao imortal Infante Navegador ter-lhe franqueado os caminhos da Terra, desvendando o mistério dos mares.

Em seu Génio fecundo substanciou-se o ideal da grandeza e da expansão de todos os povos que vieram a debater-se contra a muralha do Grande Oceano.

Na sua vida, de austera continência, não se contiveram o

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

SE... — (II)

Se o leitor é jovem e tem saúde e é até, porventura, possuidor de bens materiais, isto é, se desfruta duma situação económica privilegiada, não se esqueça contudo de que há muita dor e sofrimento no mundo.

Se o leitor teve a felicidade de viver num lar feliz, guiado sempre pelo amor de pai e pelo carinho de mãe, lembre-se de que há muitas crianças no mundo que vivem desamparadas, sem eira nem beira, como cães famintos.

Se o leitor não está preocupado com o almoço de amanhã, porque tem a fortuna de ter o seu problema financeiro solucionado, lembre-se de que há muito boa gente que não jantou ontem e que não sabe se poderá almoçar amanhã ou depois.

Se o leitor tem um lar feliz, lembre-se dos pobreziños que vivem nos pardieiros e se alguma vez passa pelos hospitais ou pelas cadeias lembre-se de que nesses edifícios estão prostradas legiões de seres humanos que não são talvez nem melhores nem piores do que to-

impulso e o heroísmo da Raça que ele personifica nesse dado momento, fazendo que se rasgassem os novos horizontes da terra inteira, desde então franqueada aos novos designios do progresso, da riqueza e da Civilização.

dos nós. São somente irmãos nossos tocados mais de perto pela desdita que fere, pelo infortúnio que tortura. Se o leitor não é como a pedra que cai do monte e vai estatelar-se no fundo do vale, segundo as incidências da queda...

Se o leitor não é como a folha seca que caiu da árvore e foi assim arrastada pelo vento para qualquer parte e ali jaz até se converter em pó...

Se o leitor não é apenas uma planta que se move ignorando porventura até que o é, vivendo apenas a existência vegetativa dos seres sem sensibilidade e sem raciocínio...

Oh! Amigol Se o leitor é um Homem, isto é, um ser que pensa, uma alma que vibra, um coração que sente, sedento de justiça, de beleza e de amor, então colabore com os outros que querem melhorar o mundo pela grande lição do exemplo, guiando, esclarecendo, aperfeiçoando, semeando à sua volta o bem que reconforta, regenera e purifica.

Qualquer que seja o seu estado, profissão ou cultura quer esteja no campo, na aldeia ou na cidade pode agir sempre com eficácia. A sua ponderação, a sua bondade, esclarecida, modesta e simples pode agir em cada hora que passa e onde quer que seja.

O meu sonho lindo

A ti Maria Matos

Vem até mim a noite
E as trevas densas da escuridão sinistra...
Prendem-me os carvalhos em seus braços,
Meus pensamentos...
E, tolhidos os movimentos,
Sucumbe, pouco a pouco, a minha existencial
O desfalecimento me invadiu
E um vácuo de saudade
O coração, pleno de dor, encheu.
Veio depois o vento
E disse-me ele de mansinho
Suavemente ao ouvido
Se terá alguém existido
Que tanta saudade adquiriu!
Aproximou-se ainda a Lua...
Afagou-me com seu luar meigo e belo!
Vivia triste e só, mas ela me consolou!...
Então passaram as trevas
E, já pela imensidão das estrelas, fugidios,
Meus sonhos vão em caravelas de ilusão.
Foram-se cada vez mais; e este ser
Desfalecia!...
E já quase no fim da sua vida agreste
Sua prece ecoou, através dos vales e montes,
Perdendo-se nos confins do azul Celeste:
— Maria!...

Azurara Ribeiro

Agência Funerária

DE
MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

TRIBUNA do CONCELHO

A Electrificação de Bouro

A mentira e a intriga a quererem deturpar e impedir esta grande realização

Bouro, 15 — As dezenas de pessoas que a convite da Câmara se reuniram nos Paços do Concelho para tratarem da electrificação de Bouro e de mais freguesias, ouviram numa exposição honesta e clara o Sr. Presidente da Câmara dizer que a ninguém pedia dinheiro, somente ponha o problema da electrificação ser imediata, ou com demora, embora esta se anteveja pequena. Para a electrificação imediata os povos teriam de contribuir; com demora a Câmara talvez o pudesse fazer sem ajuda particular. Todos viram que as pessoas presentes resolveram constituir comissões para avaliar das possibilidades. Todos viram que aos agradecimentos dos assistentes o sr. Presidente da Câmara respondia sempre que não se tratava de qualquer favor mas sim de uma obrigação a que se dava com o maior prazer.

Todos sabem com que abandono este assunto tem sido tratado de há 20 anos a esta parte e quantas possibilidades se têm perdido. Só agora ouvem palavras de esperança e acreditam, porque sabem que os homens merecem que os acreditem.

Pois apesar disto vejam o que um jornal acaba de publicar em correspondência de Amares; «*Sempre se afirmou a melhor vontade na solução deste problema, mas as dificuldades e os empecilhos eram de tal ordem que a nenhum presidente de anterior mandado foi possível dar-lhe solução. Contudo, foi-se desbravando o caminho e criando possibilidades que, agora parecem prometer os mais belos frutos.*»

«*O que consideramos inadmissível é que tenha havido uma reunião em que se pediu para que as freguesias contribuam com um óbulo, para custeio das respectivas despesas.*» «*Lá porque os interessados têm manifestado intensamente as suas pretensões, não nos parece razoável que a solução do problema seja encarada da maneira que vem sendo e, simultaneamente, apresentada ao público com um rótulo de um alto favor.*» «*Que a Câmara Municipal trate todos os municípios firmemente, é o critério que se impõe.*»

Fazemos a transcrição para que as pessoas a beneficiarem e que sabem o que se passa e como se passa, aqui tenham de quanto esta notícia tem de intriga e mentira e quanto pérfido é o seu objectivo.

Mente-se com a intenção de desgostar a Câmara e leva-la a esquecer o problema para que se possa afirmar depois que estes não fizeram, afinal, nada. Deturpe-se para diminuir o valor da realização, arma-se interesse por uma coisa e amizade por um povo para à sombra da simulação se tentar criar dificuldades a quem tem responsabilidade para ver se desgostosos abandonam o intento para depois lhe atirar com culpas.

Negamo-nos a dar o nosso agradecimento aos antepassados, repetimos como falsa a crítica à Câmara que só nos convidou a escolher qual dos caminhos pretendíamos e nos não vendeu favores e reiteramos o nosso apreço e a nossa admiração ao sr. Presidente e seus colegas da Câmara.

Sabemos que o orçamento apresentado pelo técnico nos levará certamente a esperar, mas (até porque a espera é por pouco tempo), mas se tivermos de contribuir fazemo-lo por sabermos que é em nosso benefício e que Besteiros e Fiscal tem luz porque a pagou integralmente, que Proselo e Caires fizeram na mesma, que para Barreiros a levou um particular e que para outras terras contribuíram outros.

Agora vamos dar um conselho ao autor da notícia. Incapaz de promover o desenvolvimento de que a sua terra precisa veio voce interessar-se pelas nossas coisas. Garantimos-lhe que não precisamos do seu apoio. Entretenha-se a fazer com que Amares progrida.

Têm levado o tempo a tentar evitar a que os outros façam sem se lembrarem de que deveriam tomar a dianteira nesse aspecto. Na nova área da Vila fizeram-se só no ano passado mais prédios do que os que tem o Largo de D. Gualdim Pais. Este ano o número duplica e o Senhor continua insignificante a usar métodos atrasados, e a passear nun Largo em que não se faz um prédio há 20 anos.

Incapaz de realizar intretém-se, agora, a destruir. Vem com uma notícia capciosa a falar no novo médico municipal, o homem de quem se deviam orgulhar por

Para o Canadá

Parte na próxima segunda feira dia 20 para o Canadá a Sr.a D. Dalila de Jesus de Sousa Fernandes na companhia de sua filhinha Maria Agostinha Fernandes Antunes, que naquele Nação se vai juntar a seu marido sr. Augusto Sérgio Amaro Antunes.

Tribuna Livre deseja à sr.a D. Dalila e filhinha boa viagem e que junto a seu marido tenham uma vida cheia de felicidades.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 20—o senhor Tomé Silvério Gonçalves de Macedo.

Dia 22—as senhoras Maria Aida de Sousa Pinheiro, Maria Rosa da Silva Dias e o sr. Ulisses Valter da Silva.

Feira Franca e Concurso Pecuário

Dentro do programa das Festas a S.to António realizou-se a Feira Franca e Concurso Pecuário. Este certame que interessa sempre à nossa Lavoura foi concorrido especialmente na qualidade do gado.

Patrocinou-o o Grémio da Lavoura de Amares e deu-lhe a sua colaboração a Junta dos Produtos Pecuários. O Juri foi constituído por técnicos da cidade de Braga que apuraram os seguintes resultados.

N. B.— Devido a não termos em nosso poder a classificação do concurso pecuário não nos foi possível publicar a ordem dos prémios, o que fazemos no próximo número.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

conservar entre a única coisa que dá nota de progresso. Deixaram cair a terra e debatem os seus melhores homens.

Deixem Bouro em paz e deixem-nos que nós cheguemos para defender os nossos interesses e até lá lembre-se que lhe somos três vezes maiores.

Um Bourense.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Antes de mais quero pedir-te desculpa do corte de algumas notícias, motivado pela pressa dos tipógrafos. O sentido ficou incompleto; mas, é melhor teres paciência...

Governador de Orense

Foi no sábado à Vizela convidado para assistir a um casamento.

Não te digo os nomes porque não conheces as pessoas. Basta só dizer-te que a noiva é minha sobrinha. Apesar de o tempo ser pouco ainda pude visitar o parque daquelas afamadas termas, que os Romanos tanto apreciaram, e fiquei bem impressionado com o asseio, a beleza e a magnífica sombra das variadas e lindas árvores.

Que excelente estância de repouso, disse eu para quem me acompanhava! Que lindas flores!

O que me mais impressionou me causou, porém, foi ver apresentar-se na sacristia o Senhor Governador Civil de Orense, Espanha, e pedir, em castelhano puro, ao senhor Abade que lhe desse a comunhão às 13 horas. A essa hora pude realmente vê-lo receber o Senhor com sinais evidentes de catolicismo integralmente vivido.

DE VISITA

Teve a gentileza de visitar a nossa redacção e oficinas o que penhoradamente agradecemos, o Rev. Ludovino da Silva Pereira, Pároco de Carmona Angola, que era acompanhado pelo Rev. Arcipreste de Amares, Padre Manuel Barbosa de Castro de Vieira do Minho e Presidente da Junta de Freguesia de Ferreiros desta Vila.

Os «estoiradinhos»

Vai mesmo com letra pequena este nome, velho no dicionário, mas novo no sentido.

Posso dizer-te que sempre houve no mundo esta tropilha dos «estoiradinhos»; mas, usava, ou aplicavam-se-lhes outros nomes. Quem são, afinal, esses cavalheiros, agora tão falados a merecerem as atenções da polícia?

São aqueles, e aquelas, que pretendem levar o existencialismo às últimas consequências. Por outras palavras: são aqueles e aquelas que somente pretendem satisfazer os apetites animais do homem.

Comofacilmente podes ver os «estoiradinhos» não aceitam leis nem mandamentos de ninguém. Se lhes convém roubar, roubam. Se lhes agrada a prostituição, entregam-se a ela. Apetecendo-lhes o adultério, praticam-no. Se os encantar a borracheira, ou a gula no comer, fazem do estômago um alambique, tudo lhe sacrificam: «é o seu Deus». Se por tudo isto lhes não convier pagar dívidas, ou o salário dos trabalhadores que dificuldade pode haver? E a vergonha não os conhece... Também não coram em provocar ao crime os inocentes ou escandalizar os que não perderam de todo o pudor.

A fauna dos «estoiradinhos» abunda nas cidades e nos campos. Creio que nenhuma freguesia se pode gabar de os não ter.

Realizaram-se as festas de Santo António. Houve arraiais e folguedos. Não sei até que horas duraram. Vi passar alguns dos folgazões, vindos de lá, às 6 horas da manhã. Outros senhores disseram-me que viram homens casados e solteiros irem para lá ao anoitecer e voltarem quando vinham para a missa de manhã, às seis horas.

Ouvi mulheres velhas escandalizadas com as atitudes despudoradas de raparigas e rapazes que rodopiavam na cadeiras e sestinhas aos empurrões... Quem são eles, elas, e aqueles?—«Estoiradinhos»?—Talvez...

Dispõe do teu J. Moreira

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura

A cerimonia da nova rua Vale a pena, acreditem!

MARQUES REGO

Continuação da 1.ª página

principais actos da sua vida pública, para abreviarmos esta cerimonia e porque só os que inumeri são o bastante para ajuisarmos do valor dos empreendimentos e do homem a quem prestamos hoje homenagem.

Como homem era fidalgo e simples no trato honesto nos compromissos, leal e decente no convívio com os amigos a quem recorria para os seus verdadeiros colaboradores nas lides políticas, mas dignificando-os. Na sua vida quer pública quer particular, que pude seguir de perto há ensinamentos, além daqueles que citei, que hoje podem mostrar os homens que fazem parte da geração agora em actividade. Com o seu convívio são e sincero conseguiu reunir sem reservas, os melhores homens do seu tempo e de cuja união tanto lucrou o concelho. Sentia prazer com a sua presença e reformava-se de os apresentar como escal do concelho. E foi neste ambiente de crédito mutuo que, com eles, uma das épocas difíceis da vida do concelho, que teve de suportar, foi obrigado a recorrer, para sanar conflitos de envergadura, do saudoso Presidente da República do tempo Sidónio Pais. Recebeu-o ouviu-o, saudou-o, felicitou-o e finalmente, atendeu-o.

Eis em síntese aquele homem a quem o concelho testemunha o seu reconhecimento e admiração dando a esta artéria da vila o seu nome «Marques Rego».

Findas as palavras do Senhor Presidente da Câmara a viúva do Senhor Marques Rego, senhora Dona Adelina Feio Marques Rego, visivelmente emocionada deçerrou a lápide perante os aplausos e as saudações de todos os presentes.

Em nome da família agradeceu a cerimonia o estudante Augusto Gonçalves Rodrigues, que disse:

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara

Meus Senhores:

Acaba, a minha madrinha, de descerrar a lápide que dá a esta artéria o nome de meu padrinho, o Senhor Marques Rego, numa homenagem do Município do nosso Concelho.

Incumbe-me a minha madrinha, incumbência que me entenece e honra, de dizer algumas palavras em seu nome e no da família do homenageado.

Entendeu a Câmara que

esta homenagem era justa e como preito da sua admiração resolveu faze-la. Nós sabemos de quanto ela vem premiar o esforço superior e a dedicação sem limites de um Homem decidido, abnegado e firme, que a esta terra e a este Concelho deu a sua inteligência, o seu coração e todas as suas possibilidades.

A ele deve esta povoação a conservação da Feira nos momentos mais difíceis e a hegemonia política de que foi o mais sólido alicerce.

Não vivia outra preocupação, não o consumiam outros amores, só este lhe tomava os sentidos; devorava a alma. Desinteressadamente, gastando do seu com generosidade e dessassombro, não sabemos do que teria acontecido e até que ponto chegariam os reflexos ao nosso tempo, se não fosse o seu denodo e o seu integral bairrismo.

No momento em que decididamente, sob o impulso de uma eração firme, se processam novos horizontes a sua memrória é a mais digna lembrança para que a ninguém falte o entusiasmo ou faleçam os desejos. Copiando-o, seguindo-o, imitando-o nos desejos e nas acções a terra será grande, compeará a justiça e o bom senso, os homens serão dignos.

* * *

Ao Senhor Presidente da Câmara, companheiro ilustre do meu padrinho de quem o Concelho tanto espera, a expressão viva de todos nós por esta homenagem de que foi o promotor.

Ao Senhor Vice-Presidente e a vereação o nosso reconhecimento pelo carinho que lhe prestaram.

* * *

Aos presentes os nossos agradecimentos.

A todos o reconhecimento perene por este acto que perpetua a lembrança de um Homem Digno.

«Tribuna Livre» presente ao acto por intermédio da sua direcção congratula-se com esta homenagem pela justiça que ela encerra e pelo incentivo que pode representar para todos os que podem e devem servir o bem público

Carro de Aluguer

Vende-se

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Caldelas.

Ver ou tratar:

António José da Silva

(Continuação da 1.ª página)

finanças ou de estradas, ou de obras — executando, conveniente, muito direitinho, sem equívocos nem desvios, as instruções emanadas do Terreiro do Paço, e só essas. Os presidentes de camara passarão a ser assim como uma espécie de Direito, etc., meros agentes do Poder Central, e não órgãos representativos de autarquias com raízes na História com vida própria, com problemas particulares e específicos! Poderá então criar-se o pitoresco profissionalismo na presidência das camaras, com quadros gerais e concursos, notas e horários de serviço, estatuto disciplinar, promoções e aposentações. E transferências, também! Esta sugestão é, aliás, muito cara a certos espíritos.

A começar na intervenção de tudo e de todos na vida municipal, e a acabar na asfixia dos seus recursos financeiros, pouca margem se deixa às Camaras Municipais. Apesar disso ainda subsistem, delas mais vegetando que vivendo. Algumas quase se limitam, no que respeita às suas disponibilidades, a serem simples pagadora dos funcionários no dia de vencimentos!

E entretanto, neste calvário que atravessam, aí andam dirigentes locais, com uma dedicação, uma tenacidade, um espírito de sacrificio e de persistência, que chegam a enternecer; aí andam eles, de Ministério em Ministério, de gabinete para gabinete, de Direcção-Geral para Direcção-Geral — a pedir, a teimar, às vezes a mendigar. Aí andam eles, de chapéu na mão. São a imagem da situação actual dos nossos municípios: de calça de fantasia e de chapéu na mão sempre de chapéu na mão; mas também representam o seu espírito de sobrevivência, a capacidade de ressurgir e de trabalhar, que neles ainda se mantém.

Por isso, no parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1958, se faz acentuada referência às *pressões regionais*, como um factor perceptível há muitos anos, que transparece, porém, mais intenso e clamoroso nos últimos tempos e adquiriu até vigor, que surpreende em certos casos». Ninguém ignora que o Estado tem procurado enfrentar alguns problemas instantes, como os de abastecimento de água e salubridade, caminhos e estradas regionais, electrificação e outros mais. Por seu turno, o sr. Ministro da Economia falou, há dias, num «programa de planificação económica regional.» Todavia o ponto fraco da obra a emprender — que é vastíssima — reside na penúria financeira e política das autarquias.

O artigo já vai longo, e não iríamos muito além, se não nos parecesse notável este passo do parecer do sr. deputado Eng.º Araújo Correia: «Tem, pois, os recursos do Estado de suprir as deficiências locais, de

modo a evitar que o País se transforme num retalho de zonas ricas e zonas pobres, de regiões dotadas com o indispensável á vida e ao progresso e de zonas em que, por deficiência de meios financeiros, se perpetuam rudimentares condições higiénicas e outras».

E, logo a seguir, isto que fere, como uma martelada: «Todas estas circunstancias podem transformar-se, com o tempo, num factor político que enfraqueça a unidade nacional e leve a reclamações e queixumes, aliás já audíveis naquelas áreas, aonde ainda não foi possível levar o sopro renovador que caracteriza a política nacional!»

Por nós, acrescentaremos

apenas: toda as soluções, que não tomem por bem a realidade local autárquica, estão condenadas a não surtirem efeitos visíveis. Primeiro, olhe-se para os municípios, dêem-se-lhes condições de vida e de acção; prestigiem-nos, façam deles elementos válidos e dinamicos de uma política. Dêem-lhes possibilidades financeiras de iniciativa e vida lavada. E depois, façam os municípios — assim prestigiados, detentores de vigor político e vida local — participar activamente na obra renovadora da provincia, como elementos propulsores, como entidades que se respeitam e compreendem. Verão como vale a pena!



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa coleção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem. N. B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

MELHOR E MAIS BARATO
Só na Casa MÓVEIS ALVES

Móbilias completas e avulsas, estilos antigos e modernos, colchoaria de toda a espécie, carpetes, passadeiras, tapetes, etc.

ARMAZÉM GERAL:

RUA DOS CHAOS, 136 — BRAGA

FILIAL, EM FEIRA NOVA — AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amares

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 62

(CONTINUAÇÃO)

Era, nessas longínquas eras de especiais características e feição de costumes, o esforço guerreiro a primeira qualidade dos ricos-homens; e os reis, igualmente cavaleiros, não fizeram questão em dar as filhas aos mais valentes por galardão da sua bravura.

Será talvez em demasia dar aqui tal latitude a este assunto; mas, desde que certos demolidores da História se permitiram abalar fortemente os alicerces do Edifício, nunca é ocioso bulir e levar ao seu devido lugar algumas das pedras mais pesadas dos seus verdadeiros fundamentos.

Todas as terras são igualmente importantes e portuguesas de lei desde estas eminências às mais remotas paragens de Macau e Timor; mas estas, que pela sua posição e precedência histórica sobre elas incidiram as mais graves e solenes atenções de um momento para sempre, como marcos divisórios da incipiente Nacionalidade, neste ponto se lhes assinala a especial importância.

* * *

Como os povos de Entre-Homem e Cávado acudiam ao Castelo e à Portela, os desta vertente tinham iguais obrigações em seu sector: *et guardam a Amarela* assim o declaram textualmente as Inquirições de 1258 *in collatione Sancti Mametis de Siboes*. Pontido ou Rio Seco era o corredor ou traço de união para uma melhor correspondência e entendimento nos trabalhos de uma vigilância e defesa comum; e tudo leva a crer que os Abreus superintendiam nela como a sua demonstrada competência nos planos ardilosos que sabiam urdir ao inimigo, através destas montanhas.

Foi progenitor desta nobre e briosa família, estabelecida logo de princípio em Portugal, *Gonçalo Moz de Abreu*, natural da cidade de *Evreus* na Normandia, descendentes dos condes do mesmo título e dos reis de França e da Dinamarca. Companheiro do conde D. Henrique e mordomo-mór da rainha D. Tereza, depois de D. Afonso Henriques, foi então que mostrou as suas habilidades no recontro que houve com os Lioneses na Veiga da Matança, cuja vitória se conseguiu pela sua indústria, pois armou umas certas grades em que caíram os intrusos adversários; nem mais nem menos que a caça às feras em que foram indiscutivelmente peritos estes gloriosos habitantes das montanhas; preparavam o fojo ou ratoeira e depois faziam umas fôsquinhas às vítimas, atraindo ou compelindo-as a cair na negaça. Era assim mesmo e não há que extranhar. Quem está em sua casa, ou sua terra, defende-a e a razão de uma tal defesa não distingue meios. Parece provado que em Aljubarrota ainda o sistema produziu efeito.

D. Afonso Henriques deu-lhe a torre e casa que por este facto ficou a chamar-se da *Grade* e uma grade usou em suas armas um ramo desta família, conhecido por *Abreus da Grade*.

Assim é que muitas famílias nobres tomaram por título, honras e símbolos heráldicos muitos motivos e feitos extraordinários praticados nestes belos tempos heróicos, os quais distinguiram para sempre seus generosos e esforçados avós.

Foi seu primitivo assento e solar, dizem uns, a torre de Abreu junto a Valença; outros o lugar da *Pica de Abreu* ou AVREV na freguesia de S. Pedro de Merufe, termo de Monção. Descendo à planície ou "povoado" no dizer de Sá de Miranda, está correlativamente a *Pica de Regalados* que seus descendentes pouco depois senhorearam, além de outras terras. E, não obstante prenderem-se mais pelas alturas, não deixaram de dar o seu contributo à expansão da Raça, pois também foram senhores de Fenapor, na Índia, além de outras famílias nobres em que se ramificaram por várias terras do reino.

Lourenço Gonçalves de Abreu já tomou parte, com o referido seu pai, no recontro de Val-de-Vez (1140); foi senhor da torre e couto de Abreu e por mandado de D. A. Henriques, ao lado de quem andou sempre nas lutas do tempo, construiu na fronteira o castelo e torre da Lapela para fazer frente aos Galegos. Consta que o castelo foi mandado demolir em 1706 para se fazerem, com os seus materiais, as obras de defesa da praça de Monção.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

A HOMENAGEM AO NOVO ARCIPRESTE

(Continuação da 1.ª página)

ções religiosas e muito povo.

Fez a entrega dos objectos ofertados o senhor Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Câmara, que salientou a justiça da escolha e exaltou as qualidades do homenageado, dizendo da satisfação com que procedia àquele acto. Seguidamente afirmou:

— Tenho a maior honra em manifestar-lhe publicamente a minha admiração e respeito pelas nobres qualidades de carácter já sobejamente demonstradas nos cargos públicos que em boa hora lhe têm sido confiados e pelas exemplares virtudes de sacerdote onde o amor pelo próximo é ilimitado. Assim na Cáritas portuguesa, seu humaníssimo delegado, cumpre V. Ex.ª exemplarmente as três primeiras obras da misericórdia: — Dar de comer a quem tem fome, dar de baber a quem tem sede e vestir os nus —.

Salientando o acerto da escolha referiu-se ao agrado geral com que foi aquela recebida e dirigiu a Sua Ex.ª Reverendíssima o sr. Arcebispo Primaz as suas melhores saudações e felicitações pelo alto serviço prestado à Igreja e ao Concelho.

Em nome do clero do Arciprestado falou o senhor Dr. Rodrigues, que numa oração repassada de sinceridade disse da unanimidade de aplausos com que os sacerdotes do Arciprestado receberam a boa nova, estando certo que as qualidades do homenageado são segura garantia de bom trabalho, demais ajudado por todos os párocos que ali estavam de oração e que lhe não regataram a mais leal colaboração.

O senhor Comendador António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga amigo do homenageado de longa data disse querer também associar-se ao contentamento dos povos do Concelho e dirigiu ao Senhor Arcebispo Primaz palavras do mais rasgado elogio referindo-se à obra a todos os títulos notável que vem realizando á frente da Arquidiocese e fazendo votos pela conservação da sua saúde.

Falou das magníficas qualidades do homenageado como sacerdote como português, sentimentos mais do que nunca necessários nos tempos conturbados em que vivemos.

O senhor Dr. Manuel Arantes Rodrigues disse não poder esconder a satisfação com que via o Arciprestado regressar à sua terra, referindo também quanto o assunto lhe merecera de atenção e de carinho. Teceu ao falecido Arcipreste, pároco desta fre-

guesia, um elogio amplo e justo.

Acentuou que o novo Arcipreste era bem merecedor da honra que lhe foi concedida e que isto representava um acto de justiça para com as suas qualidades e para com esta terra, o que lhe agrada duplamente.

Finalmente falou o senhor Padre Albino José Fernandes Alves que manifestou o seu reconhecimento a todos os presentes e as palavras que os oradores lhe dirigiram.

Falou da figura de pároco e de Arcipreste do sr. Padre Lago e Costa dizendo de quanto lhe fica a dever o Arciprestado e principalmente o clero e quanto o contristava sabê-lo doente. Resaria, porém, pelas suas melhores, convencido que ele voltaria ao desempenho do seu alto múnus. Durante as suas longas referências ao referido sacerdote recebeu os apoios dos presentes.

Disse da sua vontade de servir e a todos pediu, especialmente ao clero que o ajudem no exercício das funções. Tal

como os demais oradores foi no final muito aplaudido.

Findo este acto realizou-se um beberete em que o sr. dr. António José da Costa se dirigiu ao homenageado nos termos mais calorosos congratulando-se pela sua escolha e felicitando o Concelho, ao mesmo tempo que exaltou duma maneira especial as qualidades de inteligência do sr. Padre Albino, homem culto, dado aos livros e ao pensamento.

Brindou pelo homenageado o sr. Padre Calisto Vieira que exaltou as suas qualidades e aproveitou a oportunidade para dirigir palavras de muito apreço ao sr. Presidente da Câmara, ali presente.

O sr. Arcipreste da Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho referiu-se ao acto em termos altamente elogiosos para o novo Arcipreste, por quem brindou.

Finalmente agradeceu o Senhor Padre Albino Alves a quem a assistência tributou demorada ovação recebendo os parabéns de todos os presentes.

O III circuito de Santo António

Continuação da 1.ª página

bem os seus corredores que ganharam a maior parte dos prémios de passagem.

Justo salientar a colaboração decisiva que à corrida deu o senhor António Peixoto, gerente da Fábrica Pachanchó, admirador do ciclismo, e que foi o director da corrida. Custeou a despesa com dois dos carros acompanhantes e dois agentes da P. V. T. tornando possível uma organização perfeita que de todos mereceu os maiores incómos. Em seu nome ofereceu uma taça e outra, a melhor de todas as disputadas, em nome de sua filha menina Ana Maria da Silva Peixoto.

A organização da prova, a cargo de Os Leões da Modelar, esteve bem e foi um

dos mais salientes números das Festas, desenhando-se o maior entusiasmo para no próximo ano realizar uma prova para independentes.

A classificação foi a seguinte:

- 1.º Joaquim Coelho — Gilica
- 2.º Manuel Moreira — » »
- 3.º António Magalhães — » »
- 4.º José Gonçalves — Modelar
- 5.º Sebastião Batista — Gilica
- 6.º António Camilo Silva-Modelar
- 7.º José da Costa — Gião
- 8.º Manuel de Oliveira -Ovarense
- 9.º José Azevedo-F.C.P.
10. Arnaldo Silva — Aldoar
- 11.º Manuel Peixoto-Modelar
- 12.º Luiz Gonzaga — Modelar

Taças por equipas

- 1.º Gilica
- 2.º Leões da Modelar
- 3.º Gião



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Gaetano Brandão

Telefone 2526

Braga

O RIO DOURO E AS SUAS Barragens internacionais

(por Amílcar Pereira)

De Caniçada acompanha- dos pelos dirigentes da Em- presa em que trabalhávamos viemos para a construção destas grandiosas obras.

Quando no Douro seguia- mos á margem do rio parecia ficarmos atraídos pela paisa- gem de beleza que aquela Pro- víncia nos despensava, mas la- mentamo-nos a apreciar es- sas paisagens das janelas do comboio.

No Pocinho deixamos o comboio que até ali nos ti- nha transportado para tomar- mos outro de via reduzida que nos levaria a local desti- nado. O comboio subia lenti- tamente a encosta de Moncor- vo, nós contemplávamos os grandes vales de amendoei- ras e castanheiros, do que es- ta província é abundante. A viagem tornou-se maçadora pela marcha lenta que a arro- jada linha nos oferecia; com custo mas a estação desejada apareceu. (Sendim) aí já nos esperava um carro da Em- presa que nos levou ao estaleiro da Barragem de Picote; no estaleiro nada nos desagradou a não ser um calor insupor- tável.

No dia seguinte principia- mos a trabalhar, sem termos visto ainda o leito do rio; além via-se terreno Espanhol, sabíamos que estava- mos se- parados pelo rio mas pela porfundidade em que passava não se conseguia ver. Nas primeiras veses que fomos chamados a efectuar trabalhos nas máquinas que no fundo do rochedo faziam os primei- ros trabalhos de alicerce pa-

ra a grandiosa obra; foi quan- do vimos o rio Douro passar entre os rochedos, correndo apressadamente de rocha em rocha, para chegar depressa ao Porto.

Nos primeiros meses senti- mo-nos desanimados no meio desta montanha, a onde só ao longe se avistava a povoa- ção de Picote, mas pouco e pouco, foi-se levantando uma cidade em sítio que era um deserto. Bairros para pessoal de todas as categorias, parque de jogos de todas as modali- dades, uma piscina, um gran- dioso refeitório para trabalha- dores, pousadas para especia- lisados, um centro comercial, uma linda capela, casa de pes- soal e tudo que nesta terra se necessitava. O Barrocal do Douro ia tomando a sua be- leza, enquanto lá no fundo a Barragem ia ficando cons- truída e nós fomos obrigados a deixar aquela terra que já tanto nos tínhamos afeiçoado e que temos saudades dos bons e maus bocados que por nós passaram. Não fomos para longe, ficamos no 2.º escalão em Miranda do Douro. Cida- de histórica e velhinha, arro- mada a um canto de Portugal, e por nós era desconhecida. Ficamos admirados com esta terra que nos parecia uma al- deia e tem o nome de cidade; muralhas derrubadas, um cas- telo completamente destruído, apenas restam em pé uns po- bres claustros do antigo passo dos Vispos, um convento em ruínas, casas velhinhas um pa- lácio de Justiça já muito arrui- nado e aqui se encerrava Mi-

randa do Douro, que só apenas a Sé Catedral lhe dá valor. Den- tro em pouco fóra das mura- lhas, se ergue uma nova ci- dade, cantinas, escolas, casas de vivenda, tratamentos de água e uma valorosa ilumina- ção. Dentro das muralhas, as ruas são reconstruídas, são as casas electrificadas, é monta- do o saneamento e construído um grandioso hospital moder- no, e esta velha cidade vai tomando outro aspecto.

Quando ao anoitecer subi- mos ás muralhas sentindo- nos satisfeitos a contemplar: lá no fundo vai subindo lenti- tamente a grandiosa Barragem, estendendo a vista mais ao longe vê-se lusir de branco o Bairro da Terronha todo ilu- minado, do outro lado vê-se os montes floridos de Espa- nha, as grandes vinhas esten- didas pelos campos dando- nos uma verdura incompará- vel, as searas tornam a sua cor dourada, a convidar o seifador para a sua faina, e dentro em pouco a alegria nas eiras, que tantos esperam com ansiedade.

Quando a obra terminar sentiremos saudades e nunca poderemos esquecer, este canto de Portugal aonde vamos pas- sando a nossa mocidade com horas alegres horas tristes, mas quase sempre alegres a não ser quando surge algum desastre, ou quando nos deixa algum colega por motivo de sua vida e que pela convi- vência se considera como ir- mão.

Quando uma obra termina sentimos grande satisfação porque com o esforço de to- dos nós, Portugal torna-se maior.

Miranda do Douro 12/6/60

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográfi- cos desde os mais simples aos mais luxuosos.

O Camponês

Há muita gente que infeliz- mente não compreende bem o significado desta palavra, e sempre que a profere é com certo desprezo e quase como ofensa.

Esquecem-se que são os possuidores desse honroso pseudónimo, os salvadores da humanidade; que é das suas mãos-calejadas que vem o Pão Nosso de cada dia, que alimenta todos nós; aristocratas e sábios, débeis e igno- rantes.

Que fazia o Advogado com o dinheiro ganho sentado na sua secretária, se não fosse o camponês?

Que fazia o médico com o dinheiro ganho no seu consul- tório, se não fosse o cam- ponês?

Que fazia o Professor, o Engenheiro, o próprio milio- nário, se não fosse o campo- nês?...

O dinheiro por si nada vale, se nada tivéssemos para com ele comprarmos; apare- cem no entanto êsses incom- preensíveis, que esquecendo tudo isto, os classificam numa inferioridade que estes não merecem.

Haja pois compreensão e não desprezemos aqueles, que vivem dia a dia enfrentando os sacrifícios da vida dura no campo, não se poupando a esforços para bem de todos nós, e que de futuro não de- pare com quadro igual àquele que tive a infelicidade de presenciar há dias numa des- tas Vilas próximas, entre uns honrados camponeses que vinham à inspecção, e uns es- tudentes do colégio local.

Haja respeito pelo campo- nês, porque é digno e mere- cedor da estima de todos nós.

Tancos, José Silva

Camponês

Por entre prados mimosos,
Passo minha mocidade,
Não conheço as regalias
Nem belezas da cidade.

Quando vim a este mundo,
O campo me veu nascer;
Serei fiel ao meu berço,
Pois no campo heide morrer.

Estendido no caixão,
Mãos cruzadas sobre o peito!
Podeis curvar-vos sobre elas,
E beijá-las com respeito.

Requeimadas pelo sol,
Hoje na solidão!
De muitas bocas famintas,
Elas foram, ganha Pão!

A terra que elas cavaram,
Que as veu nascer e morrer,
Vai recebê-las agora,
Para as mesmas ir comer!

Tancos, José Silva

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

anterior, teve de sua 2.ª mulher, D. Elvira Martins de Riba-Visela, entre outros:

Martim Pires Machado o primeiro que usou deste apelido; ca- sou, segundo uns, com D. Maria Pires Monis, neta de D. Maria Mo- nis, irmã de D. Paio Monis de Lanhoso e de Martim Monis, o herói da tomada de Lisboa, progenitor dos Vasconcelos. Na opinião de Montebelo, foi:

Martim Martins Machado o primeiro que teve o apelido e era filho da dita D. Maria Monis e de D. Sancho I. Consta ter casado com D. Loba Gomes, filha de Gomes Nunes que jaz no mosteiro de Pombeiro; outros dizem-na casada com Godinho Viegas Godinho Mouro, filho de D. Egas Pais de Penagate, o fundador de Rendufe. Admite-se que tenha casado duas vezes; o alcance dos patrimónios territoriais estava na base destes enlances.

Teve este Martim Martins um irmão — Pedro Martins — que foi «regedor das justiças» de el-rei D. Sancho II e por isso se desi- gnava *judex totius Regni*

Martim Machado viveu ao tempo de D. Afonso III e faleceu por volta de 1279. Foi senhor da quinta do Outeiro no antigo conce- lho de S. João de Rei. Diz-se ter casado com D. Constança Gon- çalves de Barroso que lhe trouxe a honra de Pinho e o senhorio de terras no Vale de Gerás, com a respectiva torre. O Conde D. Pedro dá-a casada com outro, a não ser que também tivesse casado duas vezes.

Pedro Mz Machado foi senhor da honra de Pinho, Cepiães, Sepelos, Bobadela e Nogueira no Barroso (assim começa a posse des- tes domínios na casa de Castro) e outras na terra de Bourro. Casou com D. Filipa Afonso Leitão, descendente dos senhores de Lodares, junto a Barcelos.

Diogo Pires Machado, filho segundo dos anteriores, foi como embaixador a Castela em tempo de el-rei D. Dinis. Casou com uma neta paterna de Pedro Fernandes *Dornelas*, em quem começa este apelido de família; neta materna de Gomes Gonçalves do *Lago*, em quem começa igualmente este apelido.

Era este Gomes Gonçalves descendente de Gonçalo Rodrigues, senhor de *Palmeira*, descendente dos *Pereiras*.

Foi seu irmão — Pedro Rodrigues de *Palmeira* — o que «mor- reu de amor» por D. Maria Pais de Valadares, que antes quis casar com Martim Pais de *Ribeira*, irmão da formosa *Ribeirinha*.

Está perto desta mesma filiação o célebre Rui o Rodrigo *Pe- reira* que voltou da carga aos mouros, por lhe constar da infidelidade da esposa, pondo fogo ao castelo de Lanhoso de que ficou a simples torre de menagem.

Foi o dito Gomes Gonçalves do *Lago* senhor da torre do mes- mo nome, no antigo couto de Rendufe, ao tempo de D. Sancho II e D. Afonso III, e por ter casado com D. Teresa Gomes, filha de Go- mes Ansur, neto de D. Egas Pais de Penagate, o qual Gomes Ansur era casado com D. Estevãinha de Aboim, neta de D. Ourigo da *Nó- brega*.

Desenvolvida esta breve notícia, para dar prova de como andavam apertados os laços do parentesco neste pequeno circuito das terras de Entre-Minho e Douro, que eram as que ainda ofereciam maiores garantias de segurança à fixação da família, continua-se:

Gonçalo Machado foi alcaide-mór de Ervededo por mercê de 1343. de Lanhoso por mercê de el-rei D. Fernando, de 1 de Setem- bro de 1372. Casou, segundo Montebelo, com D. Mór Mendes de Vas- concelos, por quem entrou nos Machados o velho solar desta famí- lia; e foi sepultada no mosteiro de Rendufe, na capela colateral de S. Plácido.

Vasco Machado foi senhor da casa de Castro e solar de Vas- concelos, torre de Gerás, Cávado e Riba-Visela, honra de Pinho e dos lugares de Sanfins; alcaide-mór de Chaves. Casou com D. Leonor de Magalhães, filha de Afonso Rodrigues de Magalhães que foi alcaide-

(CONTINUA)